

## Carnavais de um outro lugar

**SILVA, Everton Lessa<sup>1</sup>; RUBERT, Rosane Aparecida<sup>2</sup>**

<sup>1</sup> Universidade Federal de Pelotas / Graduando do Curso de História - Habilitação em Licenciatura;  
lessa\_ton@hotmail.com

<sup>2</sup> Universidade Federal de Pelotas / Departamento de Antropologia e Arqueologia; rosru@uol.com.

### 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho ora apresentado está inserido no Projeto de Extensão “Assessoria ao *Clube Social Negro Fica Ahí Pra Ir Dizendo* no seu processo de transformação em *Centro de Cultura Afro-brasileira*”. Um dos objetivos do projeto é o mapeamento dos portadores de saberes e manifestações culturais afro-brasileiras do município de Pelotas e região. Este estudo se insere no eixo temático “instituições carnavalescas”. Sob a coordenação da Professora Rosane Rubert, alunos da Universidade Federal de Pelotas, membros da comunidade externa e representantes do Clube Fica Ahí trabalham na criação de um Centro de Cultura Afro-brasileira na sede do Clube.

O texto apresenta como foco a trajetória de personalidades carnavalescas do município de Pelotas. O objetivo é criar um acervo de informações através de depoimentos, imagens, figurinos, atas de fundação de agremiações, objetos dos foliões, etc, para desta forma, construir um acervo audiovisual do Carnaval negro. No contexto de uma cidade que prima pela exaltação da cultura europeia, omitindo a participação de outras origens étnicas em sua formação. Cabe ressaltar que o Clube Fica Ahi tem na sua gênese uma relação direta com as atividades momescas. A criação dessa sociedade data do ano de 1921, período em que o Carnaval da cidade ainda não era representado por escolas de samba e sim por cordões carnavalescos, conforme já constatado pelas historiadoras Beatriz Loner e Lorena Gill:

(...) Clube *Fica Aí para ir Dizendo* foi fundado em 27 de janeiro de 1921, como um cordão carnavalesco, com o objetivo de congregar pessoas para brincar o carnaval. Seu primeiro ponto de encontro foi a Praça Coronel Pedro Osório, no centro da cidade. (...) Conseguiu construir edifício próprio na década de 1950, estando em atividade até hoje. Seus sócios eram, dentro da comunidade, o que se poderia chamar de elite negra, famílias com uma situação social mais estabelecida, os quais poderiam arcar com as despesas necessárias para frequentar o clube e que atingiam as elevadas exigências associativas do mesmo.<sup>1</sup>

O presente estudo, que se encontra em um estágio preliminar, está ancorado no diálogo entre diferentes áreas do conhecimento, especialmente História, Antropologia e Museologia. O atual trabalho se inscreve em uma série de iniciativas que vêm se tomando nos últimos anos de valorização e reconhecimento

---

<sup>1</sup> LONER, Beatriz Ana; GILL, Lorena Almeida. Clubes carnavalescos negros na cidade de Pelotas. **Estudos Ibero-Americanos**, v. 35, n. 1. Porto Alegre, 2009.

das formas de sociabilidade afro-brasileiras para a constituição do patrimônio cultural local e nacional.

## 2 METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)

A delimitação do universo de estudos para mapeamento dos possíveis entrevistados, teve como critério o fato deles serem negros e terem vivenciado experiências significativas com as atividades carnavalescas da cidade.

Com base no método etnográfico, as técnicas priorizadas foram entrevistas com foco em narrativas autobiográficas e memória, além da coleta e digitalização de fotografias de acervos particulares. Após o convite aos interlocutores, procedeu-se à realização de entrevistas e coleta de documentos e materiais iconográficos que se mostraram relevantes para a reconstituição da trajetória destes carnavalescos, bem como do carnaval de Pelotas. Busca-se compreender, através de suas narrativas, quais são os eventos mais significativos de suas trajetórias, possíveis interpretações de suas vivências a partir das instituições carnavalescas a que pertenceram ou ainda pertencem, de acordo com seus padrões culturais. Além do recurso de gravar as entrevistas para posterior transcrição, também se utiliza o registro da observação participante em um diário de campo, elemento que será fundamental na elaboração de trabalhos futuros. Já foram entrevistadas três personalidades: uma representante da Escola de Samba *Estação Primeira do Areal*, uma antiga porta-bandeira da *Escola General Telles* e um veterano da *Academia do Samba*. Em suma, o objetivo geral é de buscar, nas pegadas deixadas por esses foliões, possíveis novas leituras dos registros carnavalescos.

## 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O Carnaval, segundo alguns pesquisadores, tem sua origem nas procissões que eram realizadas pelas Civilizações Orientais, pois essas dedicavam um determinado período do ano, em torno de sete dias, ao Boi Ápis, uma festa que envolvia atividades sagradas, comilanças e jogos de adivinhações do futuro. Os Gregos mantiveram a tradição da festa, no entanto a realizavam em forma de cultos de agradecimentos pela fertilidade do solo e/ou por uma boa produção agrícola. Encontram-se nos Romanos os elementos que mais se aproximam do Carnaval da atualidade, uma festa que ia além das brincadeiras e de jogos de adivinhações: Uma cerimônia para beber e realizar tudo aquilo, que durante o ano, era proibido. Já no período Medieval, a Igreja católica impõe outro ritmo para os folguedos, associado à Quaresma. Segundo Felipe Ferreira (2004), são desse momento as primeiras referências ao termo “carnaval”.

Como pode ser ponderado, o “carnaval se perde no tempo” (DAMATTA, 1979). No Brasil, estas manifestações irão ter a sua origem ligada ao período colonial. Com a vinda da Família Real em 1808, quando então esse território da América passa a ter contato com uma gama de atividades distinta, tanto na economia como também na vida cultural, e entre essas mudanças encontra-se a brincadeira do entrudo:

(...) A forma antiga de se divertir no período carnavalesco (...) Senhores e escravos saíam à rua para participar das brincadeiras, mas cada um com o seu papel claramente delimitado: o senhor atirando limões e laranjas-de-cheiro, e o

escravo carregando bandejas repletas de projeteis ou bilhas d'água, para reencher as seringas, ou ainda, servindo de vítima para o brinqueado do branco, sem o direito de esboçar nenhuma reação. (...) Os negros quando brincavam entre si – ou bem cedo ao amanhecer ou à noite, quando os brancos já estavam recolhidos – realizavam o mesmo tipo de folguedos (...).<sup>2</sup>

O Carnaval brasileiro, cronologicamente está dividido em entrudo, carnaval veneziano e carnaval espetáculo, como é conhecido atualmente, e em todas as fases, a presença dos afrodescendentes é constante. Porém, como afirma Von Simson (2007), nem sempre os africanos serão os protagonistas da festa. O Carnaval vai ganhar status de uma atividade popular com o surgimento do samba. Segundo Tinhorão, “essa foi a primeira e mais avassaladora contribuição das camadas mais baixas”<sup>3</sup>.

Na preceptiva de Mário Osório Magalhães, na cidade de Pelotas a festa africanizada teve sua gênese nos batuques realizados pelos negros “no intervalo da produção de charque” (MAGALHÃES, 1993). Em meados de 1882, alguns escravos libertos encontram nos *clubes carnavalescos Nagô e Congo* um instrumento de luta para abolição da escravatura (MELLO, 1994). A partir de 1910, passou a proliferar na cidade a presença dos cordões carnavalescos (SILVA, 2011), formados, na sua maioria por ex-escravos e descendentes destes. Estes ranchos tiveram vida efêmera, todavia deram origem às Escolas de Samba atuais (KAUFMANN, 2001), que apresentam similaridades quando comparadas à religião e ao ritmo africano.

Os negros musicalmente apresentam particularidades dentro do carnaval, especialmente no que se refere à sensibilidade para as atividades musicais, mesmo com a transformação dos instrumentos ao longo da história. Em um dos depoimentos gravados, observa-se que era comum associar o nome da pessoa ao instrumento que tocava, era uma forma de reconhecimento, uma maneira de dizer que determinado sujeito dominava as artimanhas daquele objeto:

Meu pai foi muito conhecido em Pelotas, Virgílio do Trombone (...) não tinha lugar aqui em Pelotas que eles não tocassem. Um dos conjuntos que ele tocou foi o Rancho Velho esse eu não esqueço o nome. Ele também tocou nas Escolas de Samba. A preferida dele era a Alegria e Samba era a paixão dele. Eu cresci vendo ele tocar na escola de Samba Osório, eu fugia muitas vezes deles e ia para Telles Eu era medonha ( risos)<sup>4</sup>

## 4 CONCLUSÃO

Embora ainda esteja no seu início, a pesquisa já aponta para a importância das comunidades afrodescendentes para a vitalidade do carnaval pelotense. Por meio do engajamento em instituições carnavalescas variadas, estas comunidades construíam e constroem redes de sociabilidade e troca de saberes e identidades. Desse modo, a continuidade do estudo tem no horizonte a valorização das formas de expressão afro-pelotenses que se manifestam por meio do carnaval,

<sup>2</sup> VON SIMSON, Olga de Moraes. Carnaval em Branco e Negro: carnaval popular paulistano, 1914-1988. São Paulo: Editora da Unicamp, 2007

<sup>3</sup> TINHORÃO, Ramos. História social da música popular brasileira. São Paulo: Ed.34, 1998.

<sup>4</sup> Entrevista (V.M.O. 60 anos) concedida aos membros do Projeto de Extensão: “Assessoria ao *Clube Social Negro Fica Ahí Pra Ir Dizendo no seu processo de transformação em Centro de Cultura Afrobrasileira*”.

o que resultará no reconhecimento deste grupo étnico para a formação sociocultural da cidade.

## 5 REFERÊNCIAS

BARRETO, Alvaro. **Dias de folia: o carnaval pelotense de 1890 a 1937**. Pelotas: Educat, 2003.

DAMATTA, Roberto. **Carnavais, Malandros e Heróis**. Rio de Janeiro, 1979.

DINIZ, André. **Almanaque do Samba: a historia do samba, o que ouvir, o que ler, onde curtir**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

FERREIRA, Felipe. **O livro de Ouro do Carnaval Brasileiro**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

KAUFMANN, Zunilda Maria Corrêa. **A trajetória do carnaval pelotense**. Universidade Católica de Pelotas, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Social. (Dissertação de Mestrado). Pelotas, 2001.

LONER, Beatriz A.; GILL, Lorena Almeida. Clubes carnavalescos negros na cidade de Pelotas. **Estudos Ibero-Americanos**, v. 35. Porto Alegre, 2009. Pp. 145-162.

MAIA, Mario de Souza. **O Sopapo e o Cabobu: etnografia de uma tradição percussiva no extremo sul do país**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-graduação em Música (Tese de Doutorado). Porto Alegre, 2008.

MAGALHAES, Mario Osório. **Opulência e Cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul: um estudo sobre a história de Pelotas 1860-1890**. Pelotas: Editora Universitária da UFPel, 1993.

MELLO, Marco Antonio Lírio de. **Reviras, batuques e carnavais: a cultura de resistência dos escravos em Pelotas**. Pelotas: Editora Universitária UFPel, 1994.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

PINHEIRO, Marlene M. Soares. **A travessia do Averso: sob o signo do carnaval**. São Paulo: Annablume, 1995.

SILVA, Fernanda Oliveira. **Os negros, a constituição de espaços para os seus e o entrelaçamento desses espaços: associações e identidades negras em Pelotas (1820-1943)**. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-graduação em História (Dissertação de Mestrado). Porto Alegre, 2011.

SIMSON, Olga de Moraes Von. **Carnaval em branco e negro: carnaval popular paulistano, 1914-1988**. São Paulo: Editora da Unicamp, 2007.